

# 1

A manhã encontrou Benoni prostrado, corpo distendido, na cama, num quarto do primeiro andar, agora batido pelo sol, um quadrado de luz sobreposto à brancura do lençol. O despertar não foi nem suave nem brusco. Dois braços esticados irromperam de baixo das cobertas, depois curvaram-se sobre a cabeça imóvel. Seguindo o percurso inverso, contraíram-se novamente, e novamente desapareceram de vista. Um pudor persistente constrangia os movimentos de Benoni, não só de manhã, mas principalmente de manhã. Um pudor perante o mundo, mas haveria ainda pudor se não houvesse mundo. O próprio ar, fluindo à vontade pela janela aberta, envolvia-o em sonhos e incertezas, mais incertezas do que sonhos, naquele momento, tendo passado já as últimas horas a sonhar. Respirava, logo existia. Existia, não ele, que tinha perfeita consciência de existir, em demasia até, as costas dormentes, a vida entrando e saindo sem pedir licença. Respirava, logo existia o mundo, o ar omnipresente, embebendo um todo demasiado efêmero para poder ser amado, demasiado eterno para ser ignorado.

Olhou-se ao espelho. Cara, nariz, mãos, olhos, tudo o resto. E um espírito e uma alma, se pudesse esperar tanto. Benoni besuntou o rosto com espuma, pegou na lâmina com a mão direita e barbeou-se cuidadosamente. Quando acabou, passou a lâmina por água. Vestiu-se, com lentidão e método, como que apostado em avaliar o peso de cada peça de roupa antes de a vestir. Era nesta altura que, e ele sentia-o todos os dias, as suas defesas naturais e instintos pareciam restaurar-se, dentro de si, num processo moroso mas infalível, que

não lhe desagradava de modo nenhum. Era também o momento para as suas prioridades imediatas virem ao de cima. Uma, em particular, parecia dançar agora diante dos seus olhos, como um turbilhãozinho. Em poucos momentos tornou-se clara.

Dentro de alguns minutos, e com a regularidade do costume, Lia, a neta do habitante mais velho da vila, iria mais uma vez lançar à cara do mundo a sua juventude intacta e ponderada. Uma luta feroz com a roldana do poço secular, mais cinco ou seis litros de água às costas, longe de desfigurar a sua imagem, haveriam de lhe conferir os traços aristocráticos, olímpicos, mais adequados à nobreza da sua missão do que à sua condição natural. Pelo terceiro dia consecutivo, era intenção de Benoni espiar os seus movimentos de um ponto de vista particularmente favorável, localizado com antecipação. Eis como as duas primeiras tentativas redundaram em fracasso: da primeira vez, não conseguira encontrar o seu posto de observação, algo quase inimaginável, de tão simples que era identificá-lo graças a alguns pontos de referência virtualmente inconfundíveis. Da segunda vez, Benoni deixara-se simplesmente dormir. Pretendendo prevenir-se contra a repetição deste infortúnio, ele orientara a sua cama de modo a receber a luz matinal em cheio nos olhos, imediatamente após a aurora. Infelizmente, desde a infância que confundia Nascente e Poente; felizmente, uma imprecisão suplementar levou, pelo mais ínvio dos caminhos, os seus erros a cancelarem-se mutuamente, tal como aconteceu a Eratóstenes de Alexandria quando calculou o raio da Terra, e acabou Benoni por concluir que o Leste era de facto a Leste, e o Oeste a Oeste, procedendo aos ajustamentos adequados, e eis o que tornou possível que, a uma hora em que muitos homens avisados e tementes a Deus não entreabriram ainda o primeiro olho remeloso, ele descesse já, em vez de dormir o sono dos justos e dos resignados, os íngremes degraus de madeira nodosa, preparando-se animicamente para o primeiro contacto do dia com os seus honestos anfitriões.

\*

Entre a cidade e a vila, entre o seu manuscrito e a inércia, assim vivia Benoni. Nada o ligava àquela pequena povoação do interior,

excepção feita a um punhado de amigos chegados, também eles, na sua maior parte, visitantes de ocasião, que para ali confluíam periodicamente. Quanto ao resto, nem memórias, nem aspirações, muito menos raízes. Talvez por isso mesmo não acreditava que a atracção sentida por aquele lugar pudesse ser apenas um capricho persistente ou um efeito secundário. Sem hesitar, e sempre que lhe era possível, largava tudo e vinha ali passar uns dias. De todas as vezes, parecia-lhe que a sua estadia se prolongava para trás na memória, indefinidamente. Como agora. Segundo o seu costume, alojara-se na casa de um casal idoso já seu conhecido, sem filhos: os Trompowski. Se é que alguém se podia atrever a chamar-lhes «um casal». Benoni, por exemplo, não lhes chamava coisa nenhuma, e esperava que nunca surgisse uma ocasião que o obrigasse a fazê-lo. A teia de relações que se fora construindo entre eles era a própria definição de simplicidade. Dois marcos e cinco *groschen* todas as semanas, sempre em moedas, roupa da cama mudada com regularidade, jantar à noite, café e biscoitos de manhã. Frau Trompowski encarregava-se de todos os pormenores administrativos, mas era Herr Trompowski quem, invariavelmente, guardava o dinheiro, numa volumosa bolsa de cabedal escuro, que ele enfiava debaixo da camisa depois de usar, lançando um olhar de conspirador acossado, tenso de desconfiança, a todos os cantos da sala. Curtas e estéreis eram as conversações estabelecidas entre eles. Os jantares seriam um árduo suplício para qualquer um menos desprendido do que Benoni, e mesmo para ele não eram exactamente um dia no campo. Frau Trompowski abria a função com uma pequena acção de graças, mas enganando-se sempre nas palavras. Herr Trompowski atacava a sopa (um conduto espesso e de cor suspeita, preparado uma vez por mês num painelão gigantesco) com uma sofreguidão tal que se via, acto contínuo, alvo de ásperas censuras por parte de Frau Trompowski. Frau Trompowski nunca se esquecia de incluir Benoni na conversação, uma preocupação de etiqueta que ele de bom grado dispensaria. Era seu costume criticar num tom complacente algum aspecto da indumentária de Benoni, ou do seu procedimento em geral. Os reparos sucediam-se de forma cíclica, com algumas noites de intervalo. Despertada a curiosidade de Benoni, este começou a anotá-los, e tentou relacionar o padrão que formavam com algum fenómeno periódico.

Acabou por constatar que estava a ser repreendido ao sabor das fases da lua. Um obscuro e primitivo instinto (não podia ser outra a explicação) levava Frau Trompowski a orientar-se pelo calendário antes de escolher o teor da única troca de palavras digna desse nome que estabelecia com o seu hóspede. Isto explicava numerosos episódios patéticos e um ror de admoestações fora de propósito. A atitude mais adequada em ocasiões como essas, e a Benoni não faltara oportunidade para aperfeiçoar a técnica, não requeria demasiado esforço. Bastava pousar os talheres, levantar-se com solenidade, baixar a cabeça apenas um quase-nada, e pronunciar: «Não sendo a perfeição própria do Homem, é sem embargo dever deste almejá-la cada minuto da sua curta vida. Ainda não perdi a esperança de merecer transformar-me num ser um pouco menos imperfeito.» Qualquer palavra a mais ou a menos poderia significar a catástrofe. Estava agora à vontade para se sentar e devorar o resto do jantar. O silêncio cerrado que se seguia não era mais desfeito.

Com as excentricidades dos Trompowski sentia ele que podia lidar, sem problemas de maior. Até seria capaz de os olhar com uma certa ternura, mas nunca enquanto estivesse são de espírito. Mesmo que o incomodassem seriamente, muito difícil seria decidir-se a procurar outro sítio onde ficar. Do seu quarto avistava um panorama magnífico, campos a perder de vista, miosótis, papoilas e malmequeres, mas sobretudo malmequeres, e as casinhas da vila acumulando-se em redor do campanário da igreja, erecto e imponente. O ar estava magnífico, na altura em que esta história começa, o céu e a vegetação dignos do talento de um pintor, e imunes à sua mediocridade. Benoni viera expressamente para a época das colheitas. Talvez acabasse por vir de qualquer modo, mas gostava de pensar que fora a época das colheitas e os seus atractivos que o tinham seduzido. Uma pausa para um esclarecimento oportuno. Nesta vila, a expressão «época das colheitas» não passava de um designativo cronológico despido de qualquer sentido. Não se colhia nada, pelo menos no sentido literal do termo. No sentido figurado, outras histórias se poderiam contar. Passava-se precisamente o mesmo com a chamada «época das vindimas». Os últimos habitantes da vila que percebiam alguma coisa de vinho e vindimas já ninguém os recordava. Mas uma comunidade desta natureza sentia a necessidade de calendários

que orientassem a sua vida em comum (e assim se constata como Frau Trompowski, por exemplo, era boa filha da sua terra, apesar de renegada e zurzida até ao esqueleto pela má-língua). Estando já adoptados um calendário litúrgico e um calendário pagão, não podia faltar um calendário agrícola, e este fora sendo conservado, mesmo depois de a agricultura deixar de ser praticada. Estes ciclos, épocas, períodos, eram agora marcados por múltiplos festejos e ritos de convivência, e condicionavam atitudes e disposições. A época das colheitas, em particular, era sempre fecunda em acontecimentos surpreendentes, e auspiciosa para todo um povo que, lá bem no seu íntimo, e mais por casmurrice, ainda divinizava a fertilidade e as suas manifestações.

Era naquela época que despontavam as flores, as invejas e os amores. As flores, naturalmente, as invejas, lentamente, os amores em sobressalto. Benoni nem se atrevia a tentar calcular quantos palermas faziam a corte à jovem Lia, por cada ano que passava. A acreditar no que se contava à boca cheia, ninguém, nem sequer o velho e embrutecido taberneiro (especialmente o velho e embrutecido taberneiro) se mostrara insensível aos seus encantos. Tudo começava com uma manhã passada ao nível da terra fria, esperando o momento em que Lia surgiria caminhando em beleza, como a noite de um clima sem nuvens e de céus estrelados, em busca de água para si e para o seu avô, este confinado a uma cadeira de rodas e à amargura. «A pequena vai buscar água, e é tudo? Não se passa nada de escabroso?», estranhava Benoni, conversando com potenciais, actuais ou pretéritos. «É um momento muito especial, muito belo», asseverava, com o ar mais sério do mundo, Scheveningen, sujeito alto e dado a humores, mas leal. «Ninguém com um pouco de alma fica indiferente a um tal espectáculo. Aprende-se algo sobre a vida, pomos em causa tudo aquilo que tínhamos como garantido.» Esta conversa tivera lugar no ano anterior. À beira de uma nova época das colheitas, nada deixava adivinhar que os dados se haviam alterado: Lia estava agora um ano mais velha, mas ainda na flor da idade; retirando a água do poço, mantinha a sua atitude grácil, dir-se-ia uma nova Rebeca. E porém perdera o seu nicho privilegiado no imaginário masculino da vila. Interrogando a torto e a direito, Benoni ouvia comentários do género: «Aconteceu, ninguém se preocupou em tentar explicar. Porque caem